

# Um balanço da construção segundo Oscar Niemeyer

Luiz Artur Toribio

«Constrangia-nos apenas verificar que para os operários seria impraticável manter as condições de vida que o Plano Piloto fixara, situando-os como seria justo, dentro das áreas de habitação coletiva, e permitindo que ali seus filhos crescessem fraternalmente com as demais crianças de Brasília, sem complexos, aptos às reivindicações que o tempo lhes irá proporcionar».

«Víamos, com pesar, que as condições sociais vigentes colidem nesse ponto com o espírito do Plano Piloto, criando problemas impossíveis de resolver na prancheta, mesmo apelando — como alguns mais ingênuos sugerem — para uma arquitetura social que a nada conduz sem uma base socialista. E compreendíamos que a única solução que nos restava era continuar apoiando os movimentos progressistas que visam um mundo melhor e mais feliz».

Esta é a principal conclusão de um longo artigo que o arquiteto Oscar Niemeyer escreveu em junho de 1960 — dois meses após a fundação de Brasília — na revista *Módulo*, número 18, relatando toda sua experiência na construção da cidade. O artigo tem o título de «MINHAS EXPERIÊNCIAS DE BRASÍLIA» e nele o arquiteto procura focalizar com riqueza de detalhes todo «o espírito de luta» que dominou os operários candangos da equipe responsável pelo surgimento da nova Capital. Reproduziremos aqui, alguns trechos deste verdadeiro documento em que muito ajudará a entender o processo pulsante, nervoso, febril e contraditório que foi a construção de Brasília.

«Brasília representa para todos que nela colaboraram uma experiência tão cheia de lutas e ensinamentos que nunca poderá ser esquecida. Isso senti desde os primeiros contatos com o problema, desde os primeiros estudos realizados, convicto de que se tratava de uma tarefa gigantesca e necessária, de uma tarefa fundamental para o nosso País. Entretanto, a grande experiência foi, sem dúvida, permanecer em Brasília e participar, como milhares de brasileiros, dessa longa aventura, da qual — como eles — guardo uma grande saudade. Não se tratava apenas de uma oportunidade profissional, embora da maior importância, mas de um movimento coletivo, de um empreendimento extraordinário que exigia e suscitava devoção e entusiasmo, unindo todos os que dele participaram numa verdadeira cruzada, superando obstáculos mais penosos, as oposições mais odiosas, as incompreensões e contratempos mais duros e inesperados.

Tínhamos, na verdade, uma tarefa a cumprir e desejávamos fazê-la no prazo estabelecido. E isso, precisamente, criou um espírito de luta, uma

determinação que antes desconhecíamos, estabelecendo entre chefes e subordinados, operários e engenheiros, um denominador comum que a todos nivelava, uma afinidade natural e espontânea que as diferenças de classe, ainda existentes entre nós, tornam quase impossível.

Lembro-me, com admiração, do entusiasmo com que Juscelino Kubitschek conduziu o empreendimento durante três anos, lutando decididamente contra a oposição mais obstinada, promovendo reuniões, organizando e criando os meios de realizá-lo, batalhando sem desfalecimento, diariamente, contra todos os obstáculos. Entusiasmo que se estendeu a todos os seus auxiliares, como um exemplo, uma palavra de ordem e de fé, fazendo com que se desdobrassem nas tarefas dele recebidas, tarefas que acompanhava atento, com desvelo e compreensão. Esse o espírito que prevaleceu em Brasília e que os operários — vindos dos lugares mais longínquos — assimilaram com um poder de adaptação e sacrifício admirável, verdadeiros e modestos heróis dessa esplêndida jornada.

E a eles se incorporaram os empreiteiros de Brasília que, longe de todos os recursos, souberam com dedicação, dentro do possível, cumprir os prazos — curtos demais — que lhes foram impostos, construindo por exemplo, o Palácio da Alvorada em doze meses, tempo em geral exigido para a construção de uma simples residência; ou o Palácio do Congresso, em que a estrutura arrojada de Joaquim Cardozo não constituiu empecilho nem motivo de atraso na sua execução.

## PENSANDO EM BRASÍLIA

«Comecei a pensar em Brasília certa manhã — setembro de 1956 — quando Juscelino Kubitschek, descendo de seu carro na Gávea, parou no meu portão e, levando-me para a cidade, expôs o problema.

Minha primeira reação decorreu do interesse que essa obra representava, interesse profissional e afetivo, pois via nela empenho de Juscelino Kubitschek, velho amigo a quem me ligavam outros trabalhos, outras dificuldades, e uma antiga e permanente amizade. Daí em diante passei a viver em função de Brasília».

## PRIMEIROS TEMPOS

«Dos primeiros tempos confesso guardar ainda uma certa amargura. Foram os dias dedicados ao Plano Piloto de Brasília, solução que teve meu total apoio, levando-me, mesmo, a recusar o convite feito antes por Juscelino Kubitschek para elaborar aquele projeto e aceitar, apenas, os prédios governamentais.

Embora honestamente realizado, o resultado do concurso desgostou a alguns, pois representava obra por



demais importante, provocando a paixão com que muitos se deixaram marcar. Ainda me vêm à lembrança certos incidentes, certas passagens que me fizeram descrever muita coisa. Pela primeira vez senti como é forte a luta profissional e como a muitos domina, fazendo-os desprezar amizades e compromissos, em função exclusiva de uma ambição profissional ilimitada.

Mas senti, também, que a estes faltava uma concepção mais realista da vida, que os situasse dentro da fragilidade das coisas, tornando-os mais simples, humanos e despretensivos. Não sou dos que só vêem o lado negativo dos homens; em tudo encontramos uma parcela favorável e positiva, e isso me permitiu compreendê-los sem ressentimentos.

Com a escolha do projeto de Lúcio Costa, a situação se esclareceu. Não se tratava apenas de um admirável projeto, mas, também, de um homem puro e sensível, de um grande amigo com o qual me poderia entender».

## PRIMEIRA VISITA

«Minha primeira visita a Brasília — de poucas horas — foi justamente com a comitiva do governo que ia tomar contato com o local. Na segunda, demorei-me vários dias, colaborando com alguns amigos que, comandados por João Milton Prates, construíam o Catetinho, obra que ficou como o primeiro exemplo de puro entusiasmo».

(...) Em junho de 1958, começamos a sentir a conveniência de mudar para Brasília, a fim de dar fiscalização direta às construções em andamento e ao trabalho, inclusive aos novos projetos, o ritmo contínuo e acelerado que somente um regime de tempo integral poderia garantir. Com esse objetivo chegamos a Brasília numa manhã de agosto. Eramos quinze. Todos amigos, todos guiados pelo mesmo idealismo».

«Primeiro nos veio o impacto de mudar, muitas vezes de uma cidade adiantada, para aquele imenso e deslocado sertão. Depois, a nostalgia da distância, a ausência da família, dos amigos, do ambiente em que se vivia; daí decorrendo os problemas, os mais íntimos e irreprimíveis.

Receávamos sempre receber uma notícia triste e irreparável, e isso com o tempo forçosamente teria que ocorrer. A primeira partiu de Brasília e a recebi em viagem, ainda em Belo Horizonte. Foi a morte de nosso querido amigo Walter Garcia Lopes — o Eça — que conosco veio para aqui, começando cheio de entusiasmo uma nova vida, que o destino brutal-

mente cortou. Depois a morte de Bernardo Sayão, grande companheiro e, finalmente, um chamado do Rio levou-me desolado a abraçar meu pai pela última vez».

## CONDIÇÕES DE TRABALHO

«Não podemos dizer que as condições encontradas fossem satisfatórias. Não tínhamos luz, nem água quente, e as refeições, servidas nas obras, deixavam muito a desejar. As chuvas intensas cobriam as estradas de lama, dando-nos, habituados ao asfalto, um grande mal-estar. Contudo, prevaleceu, com surpresa, um entusiasmo, uma determinação e um espírito esportivo que afastavam dificuldades, reunindo-nos à noite, após o trabalho, em longas e reconfortantes conversas.

Sentíamos, por outro lado, que colaborávamos numa obra importante: uma cidade que surgia como uma flor naquela terra agreste e solitária. (...)

Lembro-me, por exemplo, do incidente que surgiu quando deliberei pintar de branco o teto do Brasília Palace Hotel, que alguns — por inocência ou mau gosto — preferiam manter na cor da madeira, deliberação que me levou quase ao rompimento com a direção da NOVACAP, ou, para ser mais preciso, com o meu amigo Israel Pinheiro, homem que deu a Brasília o melhor do seu esforço e que hoje compreendo e estimo. (...)

(...) E evidente que muitas vezes nos sentimos cansados de tanta luta e trabalho, o que justifica certas atitudes intransigentes, e até violentas; todas, felizmente, decorrentes do mais puro idealismo, o que permitiu sempre conduzi-las para a confraternização. Mas tínhamos, também, momentos de alegria e confiança, vendo que a obra caminhava dentro dos esquemas possíveis e que o nosso trabalho não a comprometia. Víamos com satisfação que o Plano Piloto de Lúcio Costa era justo e certo, que se adaptava bem ao terreno, às suas conformações, e que os espaços livres e volumes previstos eram belos e equilibrados. (...)

Estas as minhas lembranças de Brasília, cidade que Juscelino Kubitschek ergueu no centro do Brasil, com audácia e confiança ilimitadas. (...)

(...) E espero que Brasília seja uma cidade de homens felizes; homens que sintam a vida em toda a sua plenitude, em toda a sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas simples e puras — um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade. Junho de 1960».